

MAPEANDO AS REPRESENTAÇÕES DE MULHERES PROTAGONISTAS DE SÉRIES POLICIAIS BRASILEIRAS¹

Aélton Alves de Melo Junior²
Universidade Federal Fluminense

RESUMO

Neste artigo, propomos verificar como as mulheres são representadas e codificadas quando protagonistas de séries policiais brasileiras. Para responder a essa questão, adotamos como base epistemológica os estudos sobre Representações Sociais e Estereótipos Midiáticos, a partir de Stuart Hall e Flávia Biroli, além dos debates sobre performances de gênero com Judith Butler. O estudo também se ancorou em investigações brasileiras sobre ficção seriada. Para verificar as representações, realizamos um mapeamento de séries policiais brasileiras produzidas entre 1990 e 2025, buscando identificar fluxos de imagens e discursividades recorrentes. Os resultados indicam repetições na iconografia da "mulher policial-investigadora" e uma performatividade de gênero que sugere aproximações com códigos historicamente vinculados à noção de "masculinidade hegemônica".

PALAVRAS-CHAVE: representação social; estereótipo; performance de gênero; séries policiais;

INTRODUÇÃO

Em 1990, a TV Globo lançou uma das primeiras séries brasileiras do gênero policial-investigativo-criminal com protagonismo feminino, *Delegacia de Mulheres*³ - atualmente disponível no *streaming* Globoplay⁴. Ao contemplar a obra, nós, telespectadores, somos avisados que: “essa obra pode conter representações negativas e estereótipos da época em que foi realizada” (aviso comum em algumas obras disponíveis na plataforma que são anteriores ao ano de 2010). Ora, toda narrativa audiovisual está situada em tempo-espço, sendo fruto das materialidades sociais e das afetações dos envolvidos na criação (Ricoeur, 1994). Porém, percebendo que a narrativa da série é centrada no cotidiano de investigações de crimes contra mulheres, nota-se

¹ Exemplo: Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT20SE - Ficção seriada audiovisual, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Doutorando em Mídia e Cotidiano pelo PPGMC/UFF e Mestre em Ciências Sociais pelo PPGCS/UFMG. E-mail: aeltonjunior@gmail.com / aeltonmelo@id.uff.br

³ Obra criada por Maria Carmem Barbosa e Patrícia Travassos com consultoria de Schuma Schumacher, fundadora do S.O.S. Mulher.

⁴ Vale a nota de que a série foi incluída na plataforma em 2025 como um dos destaques da página especial criado pelo Globoplay em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, disponível em: <https://www.globoplay.globo.com/categorias/dia-da-mulher/> Acesso em 15 mar. 2025.

como sua temática permanece urgente à atualidade. Frente tal inquietação, inicialmente questionamos sobre o que haveria de problemático nas representações femininas postas em tela nessa série? Tal indagação, no entanto, nos leva a outro ponto de reflexão, o qual nos dedicaremos neste texto: como o protagonismo feminino costuma ser codificado em outras séries do gênero policial? Para lançar luz a este questionamento, realizaremos um mapeamento de séries policiais nacionais com protagonismo feminino, tomando como marco temporal a série *Delegacia de Mulheres*.

Como base epistemológica, apoiamo-nos nos Estudos Culturais na linha de investigação sobre Representações Sociais e Estereótipos, na qual destacamos autores como Stuart Hall (2016), Flávia Biroli (2011) e Judith Butler (2018) na vertente dos estudos de gênero e feminismos. Além, é claro, de nos ancorarmos ao campo de estudos brasileiros de ficção seriada (Lopes, 2010). Como metodologia para o mapeamento das séries, buscamos inspiração no método cartográfico aplicado à estudos de comunicação (Rosário e Coca, 2018), de modo que a identificar fluxos de significação, convenções narrativas e a circulação de imagens e discursos.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E ESTEREÓTIPOS

Argumenta Stuart Hall (2016) que “[...] é por meio da cultura e da linguagem [...] que a elaboração e a circulação de significados ocorrem” (p. 25), assim, as representações são, continuamente, produzidas e compartilhadas por meio de “sistemas de representação” (escrita, imagens, sons, artefatos etc.). Aliás, quando o autor discute os processos de circulação de significados, está se referindo tanto aos “sistemas de representação” (as estruturas através das quais os significados são organizados, repassados e compreendidos) quanto aos “regimes de representação”, sendo que o termo “regime” destaca as relações de poder e controle sobre essa circulação.

Hall (2016) também nos lembra que é através das práticas cotidianas que os sentidos culturais se consolidam. Essa perspectiva dialoga com argumentação de Maria Immacolata V. de Lopes (2010) sobre as narrativas televisivas de ficção serem artefatos socioculturais. Pois, apesar de transitarem entre o factual e o imaginado, “a ficção televisiva não deve ser pensada numa história específica, [...] mas antes no inteiro corpus e fluxo das narrativas ao longo do tempo por onde assume a função de preservar, construir e reconstruir um ‘senso comum’ da vida cotidiana” (p. 06). Além de que “a

ficção televisiva configura e oferece material precioso para entender a cultura e a sociedade de que é expressão. Ela ocupa um lugar proeminente na esfera liminal (Turner) das práticas interpretativas, entre realidade e fantasia, entre vivido e imaginário” (Lopes, 2010, p. 06). Ou seja, as séries televisivas são veículos por onde circulam ideologias, imagens, simbologias, estilismos, técnicas, discursividades e sentidos.

Assim, enquanto mercadoria imaterial, compreendemos que as imagens midiáticas atuam como pontes entre o indivíduo e o mundo, participando dos processos de interpretação da dita “realidade”. Complementando esse processo, nos estudos sobre midiaticização (campo dedicado a compreender como a experiência cotidiana é afetada pelas mediações midiáticas), compreende-se que “[...] o que é midiaticizado não é o que sai nos diários, na televisão ou no rádio: é o que é interpretado pela forma do signo, articulado em modelos e administrado pelo ‘código’” (Baudrillard *apud* Saldanha, 2022, p. 93). Ou nas palavras de Valdir Morigi (2004) sobre representações, sentidos e imaginários midiáticos:

[...] o “real”, socialmente produzido pela mídia, é produto de uma série de interações e movimentos de sentidos. Ele é perpassado por diversos estilos, estéticas, discursos e culturas de diferentes campos de origem. Assim, no processo de construção e reconstrução, o acontecimento é submetido a um tratamento técnico-estético até atingir o modelo socialmente consumido na atualidade (Morigi, 2004, p. 9).

Nesse caminho, talvez seja possível argumentarmos que o protagonismo feminino presente em narrativas policiais, põe em tela uma representação feminina imbuída de marcos sócio-político-culturais, demarcado por “performances de gênero”. Ao abordar performatividade de gênero, Judith Butler (2018) reforça que o gênero não é uma essência fixa ou natural, mas, um conjunto de atos que constroem identidades de gênero por meio da repetição de normas socialmente estabelecidas. Assim, quando falamos em “performances” estamos atentando para os modos como essas personagens femininas encenam, reiteram ou subvertem códigos de gênero dentro das narrativas policiais.

Esta perspectiva tem empiria na observação de que são mais frequentes narrativas policiais centradas em figuras de homens, na qual, desde a literatura com o clássico personagem Sherlock Holmes ao emblemático filme *O Poderoso Chefão* (1972), ou mesmo o brasileiro *Tropa de Elite* (2007), esses protagonistas repetidamente apresentam

simbologias, códigos e discursividades que tendem a se aproximar da chamada “masculinidade hegemônica” (Connell e Messerschmidt, 2013), através de características como virilidade, estratégia, racionalidade, pragmatismo e habilidades combativas em seus atos heroicos – como bem explica Marca Rodriguez (2022). Porém, é notório que o protagonismo masculino não é uma condição estruturante do gênero narrativo policial, sendo a essência do gênero a ambientação urbana e as investigações criminais⁵. Porém, frente essas observações, é possível questionar: como o deslocamento do protagonismo masculino para o feminino tenciona representações de gênero? Esse questionamento não será integralmente respondido na presente oportunidade de escrita, mas, defendemos que com o mapeamento de séries policiais brasileiras com protagonismo feminino poderemos vislumbrar alguns “sistemas de representação”.

MAPEANDO O PROTAGONISMO FEMININO EM SÉRIES POLICIAIS

A busca por séries brasileiras do gênero policial com protagonismo feminino, tomamos como marco temporal a série *Delegacia de Mulheres*, assim, o recorte de busca foi limitado entre 1990 até 2025, e através de buscas cruzadas em banco de dados online como o IMBD, Adoro Cinema e o Filmow. Nesse processo, fez-se necessário contemplar episódios de algumas séries, para verificar se o protagonismo era majoritariamente feminino (recorte da pesquisa). Como resultado, chegamos aos títulos:

1) *Delegacia de Mulheres* (TV Globo, 1990): nessa série o protagonismo é repartido entre sete personagens, cujas representações simbolizam “[...] um atributo feminino: sabedoria, beleza, força, eficiência, esforço, intuição e senso de realidade”⁶. Bebendo de casos verídicos de violências contra mulheres, a obra, ressignifica o papel das mulheres dentro do gênero policial, atribuindo-lhes não apenas a posição de vítimas, mas também de agentes ativas na investigação e justiça;

⁵ Ressalta-se também que sujeito protagonista não precisa ser necessariamente um policial, pode ser também detetive, advogado, investigador autônomo, ou até mesmo um criminoso – logo, o “gênero policial” abarca subgêneros como o “investigativo” e o “criminal”.

⁶ Trecho retirado da apresentação da série na plataforma Memória Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/series/delegacia-de-mulheres/noticia/delegacia-de-mulheres.ghtml> Acesso em 12 mar. 2025.

2) ***A Justiceira***⁷ (TV Globo, 1997): a trama acompanha a trajetória de Diana (Malu Mader), uma ex-policial que, após descobrir que seu filho foi vendido a uma gangue de tráfico infantil, retorna à sua profissão ao assumir a postura de justiceira autônoma. Guiada por um senso de vingança e determinação, dotada de habilidades combativas e inteligência estratégica, Diana precisa reprimir suas fragilidades e emoções, adotando uma postura “durona” e imponente. Superficialmente, essa transformação pode nos levar a interpretá-la como uma “mulher forte”;

3) ***A Garota da Moto***⁸ (SBT, 2016-2019): a trama acompanha Joana (Christiana Ubach), uma mulher que se reinventa como *motogirl* para escapar de um passado violento e misterioso, com a finalidade de proteger seu filho pequeno. Inserida em um ambiente majoritariamente masculino, ela utiliza suas habilidades de luta, brutalidade e resiliência emocional para investigar e traçar estratégias que a ajudem fugir da perseguição de Bernarda (Daniela Escobar), uma milionária e esposa do falecido amante de Joana (o pai de seu filho).

4) ***Rotas do Ódio***⁹ (Universal TV, 2018-2020): a série acompanha a delegada Carolina (Mayana Neiva), uma mulher solteira, determinada e de personalidade rígida, que lidera uma equipe majoritariamente masculina especializada em crimes de ódio. Juntos, eles investigam os atos violentos cometidos pela organização neonazista Falange Branca, que tem como alvos grupos socialmente minorizados, como pessoas LGBTQ+, negros e mulheres.

5) ***Bom Dia, Verônica***¹⁰ (Netflix, 2020-2024): a trama acompanha Verônica (Tainá Müller), uma escritora policial que é constantemente subestimada pelos colegas de trabalho. Sua jornada ganha contorno quando ela se vê instigada a investigar um caso de violência doméstica e acaba descobrindo uma rede criminosa de exploração e feminicídio. No decorrer dos episódios, à medida que assume a postura de justiceira, ela precisa equilibrar sua firmeza como policial com sua função de mãe e esposa carinhosa.

⁷ Série criada e dirigida por Daniel Filho, com texto de Doc Comparato, Aguinaldo Silva, Dennis Carvalho e outros, em apenas uma temporada de 12 episódios.

⁸ A série foi escrita por David França Mendes e dirigida por Marcelo Cordeiro, Julia Jordão e João Daniel Tikhomiroff. Contou com duas temporadas e um filme baseado na trama original.

⁹ Criada e dirigida por Susanna Lira, com roteiros de Marco Borges e Bruno Passeri, a série teve três temporadas, atualmente disponíveis no catálogo do Globoplay.

¹⁰ Baseada no romance de Ilana Casoy e Raphael Montes, a série teve seu roteiro adaptado pelos próprios autores e foi dirigida por José Henrique Fonseca, Izabel Jaguaribe e Rog de Souza. Contou com três temporadas.

6) *Sentença*¹¹ (Amazon Prime Video, 2022): a série segue a história de Heloísa (Camila Morgado), uma advogada criminalista conhecida por sua postura firme e sua capacidade de defender réus envolvidos em casos complexos. No entanto, ao se deparar com um caso que remete a um trauma de seu passado, ela se vê obrigada a confrontar suas próprias crenças e dilemas éticos.

Observa-se que essas obras estão presentes em diferentes fases da televisão: TV linear (aberta e fechada) e a plataformização do audiovisual (vídeos online, *on-demand*, *streamings*). No entanto, é possível identificar que apesar dos espaçamentos temporais, há uma linha comum entre elas, que se dá na forma como as personagens são inseridas em tramas policiais, na qual destaca-se o perfil de ação (rigidez emocional, habilidades intelectuais e físicas, e a facilidade de ocupar cargos de destaque em ambientes ocupados por homens em maioria). Além disso, todas são mulheres brancas, fato que é sintomático a falta histórica de diversidade étnica nas representações de mulheres protagonistas na ficção televisiva brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como escreveu Aristóteles (1995), “[...] aqueles que imitam, imitam pessoas em ação [...]”, desta forma, enquanto representações sociais, personagens de ficção fazem circular modelos performáticos de gênero que, por sua vez, podem impactar a forma como os sujeitos constroem suas subjetividades e, conseqüentemente, a forma como se experiênciam o cotidiano.

No estudo, observamos as representações do feminino dentro do contexto dos processos de midiaticização, compreendendo a mídia de massa como um motor essencial na circulação de sentidos e na internalização de imagens. Assim, ao observar o perfil geral das protagonistas das séries mapeadas, foi possível identificar repetições na iconográfica da mulher policial, na qual a maioria são mulheres brancas, de cabelo escuro, e que vestem roupas em tons escuros e neutros. A postura em cena, no entanto, é o que mais nos chama atenção, devido a performatividade de ações “duronas”, isto é, elas agem de formas racionais, ríspidas e quase inabaláveis. Além de quase sempre serem apresentadas como justiceiras de grupos sociais minorizados.

¹¹ Criada por Paula Knudsen e sua equipe de roteiristas, a série foi dirigida por Anahí Berneri e Marina Meliande, contando com apenas uma única temporada.

Um outro ponto de reflexão, que vale ser verificado em pesquisas futuras, é referente a ideia de "força feminina" que essas personagens parecem passar, cuja noção não é necessariamente de força física ou de presença em tela, mas tem relação com a postura performática que elas agem perante as adversidades da profissão: subjugando suas vulnerabilidades e emoções. Este fenômeno nos leva a considerar que o deslocamento do protagonismo masculino para o feminino, no referido gênero narrativo, não subverte totalmente convenções de gênero e sexualidade, mas parece reforçar códigos advindos de noções de "masculinidade hegemônica".

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, 384-322 A.C. **A poética clássica** / Aristóteles, Horácio, Longin. 6ª edição, São Paulo, Cultrix, 1995.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241–282, 2013. DOI: 10.1590/S0104-026X2013000100014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 16 fev. 2025.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Ficção televisiva e identidade cultural da nação. **Revista ALCEU**, v. 10, n.20, p. 5 a 15, jan-jun., 2010.

MORIGI, Valdir José. Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. **E-Compós**, v. 1, 2004. DOI: 10.30962/ec.9. Disponível em: <https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/9>. Acesso em: 30 jul. 2024.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (tomo 1). Campina, SP: Papitus, 1994

RODRIGUEZ, Marta Maria Crespo. Da masculinidade detetivesca à instabilidade de Espinosa. In. **Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 14, nº 27, 2022.

SALDANHA, Patrícia. Mdiatização latina: uma perspectiva crítica sobre os impactos sociais da comunicação digital no cenário popular, comunitário e cidadão. In: URANGA, W.; MELÉNDEZ-LABRADOR, S (Orgs). **Reivindicar el cambio: comunicación popular, comunitaria y ciudadanía en América Latina**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Huvaití Ediciones, 2022, p. 79-96. Disponível em https://www.alaic.org/wpcontent/uploads/2022/09/reivindicar_el_cambio-GT8-ALAIC-2022-1.pdf. Acesso em 2 set. 2023.